

Trens & Tretas

Os retratos escritos do trem - Japeri-Central



Trens & Tretas: Retratos escritos do trem Japeri-Central

Há quem diga que o trem é apenas um meio de transporte, mas para Karla Acemano, ele é um universo em movimento. Há mais de 30 anos, ela percorre diariamente os trilhos do Japeri-Central, assistindo à vida passar pela janela, sentindo o balanço da cidade em seu corpo e ouvindo os segredos sussurrados nos vagões.

Entre uma estação e outra, o trem carrega histórias. Histórias de trabalhadores apressados, de sonhos ainda sonolentos, de risos compartilhados e silêncios eloquentes. É na mistura de olhares cansados e conversas animadas que Karla encontrou inspiração para o seu novo folhetim: "Trens & Tretas".

Aqui, os trilhos se transformam em trilhas da vida, e as tretas do dia a dia ganham ritmo. Cada crônica é um pedaço de alma encontrado nas viagens de uma rotina diária que, apesar de tantas repetições, nunca é a mesma. Karla não apenas escreve; ela nos guia pelas emoções, pelos dramas, pelas comédias improváveis e pelos encontros que o trem proporciona.

Prepare-se para conhecer personagens únicos, descobrir pequenas grandes histórias e se perder em reflexões enquanto o trem segue seu curso. Embarque nesta jornada pelos trilhos do cotidiano, onde o improvável é comum, e o banal se transforma em crônica.

"Trens & Tretas" é um convite para olhar além do simples embarque e desembarque, para enxergar as vidas que, assim como o trem, seguem adiante, mesmo com os solavancos.

Você está pronto para viajar?

No vagão o cérebro liga: Essa é a hora!

Página 2

O Bêbado e o Anel

Página 3

Executivo de vendas, o camelô

Página 4

Big Brother no vagão

Página 4

Parecia um dia desses, normal

Página 5

O domingo de Páscoa que caiu na segunda-feira

Página 5

A quentinha que a patroa comeu

Página 6

Vulto no vagão

Página 7

No vagão o cérebro liga: Essa é a hora!



Acordei às seis da manhã de um dia frio e nublado. A preguiça era enorme: "Liga, liga, liga!", eu dizia ao meu cérebro. Ultimamente ele demorava a obedecer. Noites atrás, pedi para desligar e também foi difícil. O cérebro humano é incontrolável. Joguei meu corpo para fora da cama. Olhos fechados até o banheiro. Liguei a ducha e um jato morno caiu sobre meus ombros. Dormir sem roupas foi uma boa decisão. A água abriu meus olhos, mas meu cérebro ainda estava desligado. Vesti a roupa escolhida no dia anterior (estratégia que aprendi ouvindo conversa no trem, cujo tema era: Como recuperar o tempo de vida que você perde aqui!). Saí sem café. A estação é perto, cinco minutos. Entrar na estação é o desafio. "Sobe e desce escadas a essa hora?". Estação cheia. Trens atrasados. Muitos resmungos. Pessoas se acumulando para entrar no trem. "É hoje!". O cérebro ligou! O vagão feminino parou na minha frente, cheio de rostos com bigodes e barbas malfeitas. "Vagão feminino uma ova!", pensei. Deixei passar. Vinte minutos depois, outro vagão. Vi um espaço entre um ombro azul e outro cinza. A porta abriu, e todos tentaram entrar de uma vez. Aprendi anos atrás que disputar espaço não é boa ideia. Esperei. Na primeira oportunidade, entrei. Achei o espacinho entre os ombros. Coloquei meus dois pés. O vagão balançava. Tentei segurar na barra metálica acima da minha cabeça. Com meus um e sessenta não consegui. Fiz Ioga. "Vamos ao equilíbrio". A direita, uma morena alta, de cabelos cacheados e unhas enormes batia na barra, onde segurava. Ao lado, uma senhora de cabelos mal cortados tentava se equilibrar, assim como eu. Uma negra com tranças conversava sobre comida, comparando couve-flor e pizza. "Que coisa!". Um rapaz alto dormia em pé. Balançava mais que o vagão. Acordou quando o trem parou. Portas se abrem. Pessoas se empurram pelos cotovelos. "Não chegam até mim". "Existe muita gente no planeta. Todos tem tarefas diárias, eu sei, mas a essa hora?". A voz anunciou a estação Maracanã. uma senhora levantou. Segurava firme uma bolsa de couro original, mas as roupas não combinavam. "Será presente da patroa?", pensei. "Marquei consulta pela manhã porque não gosto de sair após o almoço com estômago cheio", dizia ela com alguém. Ela preferia encarar o trem cheio! Uma moça falava sobre cinema e o amor de sua vida. Alguém encostado no vidro dormia com óculos de grau. "Por que ele está com os óculos?". A morena de unhas enormes desceu. Notei que a maioria tinha cabelos cacheados, como ela. "Deve estar na moda!", pensei. "Estação final, o desembarque é obrigatório", disse a voz do vagão. Minhas pernas estavam dormentes. De trinta minutos, agora leva uma hora. "Quase lá!". O vagão parou. Alguns ainda dormiam. Muitos olhavam para seus celulares: uns com fone, outros não. "Música? Tiktok? Leitura? Jogos?". O rapaz ao meu lado, que me encarou algumas vezes, afirmou: "Essa é a hora!". As portas do vagão se abriram, e todos seguiram seus destinos por caminhos estreitos e tortuosos, chamado dia.



Todo mundo tem uma história para contar. Qual é a sua?

Se você sempre sonhou em escrever um livro, seja você um autor veterano ou alguém começando agora, o **Guia do Escritor** está aqui para ajudar. Nós preparamos você para transformar suas ideias em páginas, oferecendo orientação, ferramentas e suporte em todas as etapas da criação literária.

Comece hoje a dar vida à sua história!

www.guiadoescritor.com.br

O Bêbado e o Anel



Não deu para não ficar ali. Na porta. Só quem anda de trem sabe! Não é agradável!

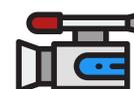
Um cidadão encostado na porta falava sozinho. Com sotaque de fora, talvez nordestino. Eu falo sozinha, mas daquele jeito me deu medo. Ele não resmungava, falava alto. A moça do meu lado tentava fingir que não ouvia. Olhava para o outro lado. Olhei para ele algumas vezes. Um rapaz próximo também olhou. Os dois se encararam, foi nessa hora que o falante encontrou um interlocutor. Começou a falar direto para o outro. Falava em tom de alerta. “Eu não acredito, cara! Olha só, eu estava lá na estação, feliz da vida porque recebi meu pagamento e já pensando nas contas que ia pagar primeiro”. Gesticulava dramaticamente. “De repente, aparece um sujeito, um verdadeiro bêbado, cambaleando e quase me derrubando. Ele se joga no chão ao meu lado e saca uma caixa de joias!”, continuou. Outros no vagão olharam. “Lá vem treta”, pensei. De repente, pareceu indignado: “Pensa comigo, pmtΔ m3rdΔ! Eu sou um cara sem sorte. Sempre atento, e não deixo de ver nem bitucas de cigarro. Como não vi aquela caixinha de joia no chão? E agora esse maluco me aparece com ela na mão, abriu e nela tinham duas alianças brilhando! O brilho era igual um espelho e dava pra ver minha cara de tristeza!”. O outro riu. Pensei: “Que maluco azarado!”. Pausei a música no fone. Curiosidade é uma m3rdΔ. O falante nordestino fez uma pausa dramática. Continuou ele: “O bêbado, com aquela voz desconexa, falou: ‘Oia, tem até etiqueta! Mas, com essa letra miúda, sem óculos não consigo nem ler. Você pode dar uma olhada pra mim?’”. Ele dizia parecendo indignado: “Respondi meio bolado: Claro! Aqui tá escrito ‘ouro 18k’. Você é um cara de muita sorte, parabéns! O bêbado, com um sorriso banguela, exclamou: ‘Nossa senhora! Se eu chegar em casa com isso, minha muié não vai acreditar nimim! Ela vai achar que eu comprei pra outra! Vou arrumar é confusão, cê não sabe, minha mulher é encrenca! Melhor eu achar alguém e vender isso e levar é dinheiro pra casa! Será quanto vale?’. Daí eu disse: Olha, eu não acredito em coincidências. Estou namorando há uns dois anos e estava pensando em ficar noivo da Divina, minha namorada. E essas alianças... quanto é que você vai querer por elas?” O outro o interrompeu: “Rapaz! Você é um cara de sorte! Sua namorada gostou?”. O falante nordestino solicitou: “Escuta até o final,” e continuou... “Eu tô falando sério! Eu não quero me aproveitar de você, mas um achado assim, aqui na estação... nós dois ganhamos! Eu compro as alianças e você ainda não vai ter confusão com a patroa!”. Continuava ele: “O bêbado, já quase convencido, começou a calcular: ‘Acho que isso aí deve valer uns 500 reais. Se você me der uns 300, tá bom!’. Daí eu pensei cara: Imagina, isso vale é mais de 1500. Eu fico noivo e você ainda faz uma grana! Vamos dividir a sorte! Peguei os 300 reais na carteira e paguei. O bêbado agradeceu e exclamou ‘Você me salvou!!!’ e foi em direção ao trem e eu fiquei esperando um amigo.” O interlocutor comentou: “Olha, você é um cara de sorte!”. “É, meu amigo, eu vim do Maranhão e trabalho em dois empregos. Nem tempo para ter namorada eu tenho!”. Os dois riram. O nordestino continuou: “Assim que o meu amigo chegou, pegamos o próximo trem. Quando olhei pela janela na próxima estação, parei de contar o meu dia de sorte para o meu amigo e a tristeza foi grande. Vi o bêbado se jogando ao chão ao lado de outro passageiro, repetindo a cena com a caixa de joias na mão. Pensei: Não! Não pode ser! Percebi que tinha caído em um golpe. Perdi 300 reais do meu salário por causa de um bêbado artista”. “Meu amigo, anel de bêbado não tem dono, mas com preço é a primeira vez.”, disse o interlocutor. Ouvei muitos resmungos. Pessoas que prestavam atenção cochichavam. Outras riam. Uma senhora sentada na minha frente disse: “O que se acha esperto pode ser o Bobo”. Tentei não rir, mas não consegui. Sorrisos são contagiantes, assim como histórias como essa, só ouvidas num trem.

Executivo de vendas, o camelô



Verão e o vagão se tornaria uma estufa, não fosse o bendito que inventou o condicionador de ar. “Oh calor, já as 6h da manhã!”. Todos ao meio-dia cozidos. Sempre vou em pé. Minha estação é meio de percurso. Sem problema, desde que ninguém tente tirar minhas mãos da barra de ferro. Sacode para lá, sacode para cá. É preciso se segurar! O vagão parou e vários entraram se empurrando pelos cotovelos. Eu não sabia onde estava. Olhos fechados de sono. “Só desço no final, para que saber onde estou? Para saber quanto tempo mais ficarei aqui! Não, deixa o trem me levar”. Pisaram no meu pé. “Será que estou invisível hoje?”, abri os olhos e vi quem pisou. Pesada e desajeitada ia uma moça jovem e rechonchuda. “Coitada, não fez de propósito, fez porque é desproporcional”. Voltei a fechar os olhos. A música no fone de ouvido era boa demais para não ser ouvida. “Dois reais, dois reais, tem gengibre com mel e café”, veio um executivo de vendas. Passou esbarrando em todos. “Moço não vê que não tem como passar!?”, protestou a moça rechonchuda. Eu me espremi contra a barra de ferro. Ele passou. “Logo ela que entrou pisando e empurrando a todos”, pensei. “Reage Japeri”, gritava ele sacolejando seus sacos de balas. Nem um nem outro esboçou reação. “Próxima estação Deodoro”, disse a voz do vagão. “Agora desce esse povo”, pensei. A posição não era boa e meu joelho doía. Outro executivo de vendas: “Mortadela da melhor qualidade e com bônus, dentro do prazo de validade! Imperdível”, dizia ele entusiasmado. Duas senhoras sentadas a minha frente o chamaram. Disse ele: “Essa é de boa qualidade” e uma das senhoras confirmou: “Eu sei, já comprei com o senhor!”. “Barrão de dez reais lá fora, aqui comigo hoje, só vai pagar cinco”, veio outro executivo de vendas: “Barrão da garoto, Japeri, cinco reais”. De repente, o calor ficou insuportável. O ar que já era condicionado, piorou a condição. Ficou mais quente, o vagão. “Tão perto da Central!”, resmunguei. Um idoso começou a passar mal. A voz do vagão nem anunciou, mas em Madureira o trem parou. Uma equipe médica de curiosos de plantão rapidamente tirou o senhor do vagão. O trem não pode parar. “Ele vai faltar ao trabalho, coitado”, pensei. Talvez para ele, tenha acabado o dia. “Fone de dez! Bora, lá fora tá vinte e cinco, na minha mão só vai pagar dez!”, disse em voz alta outro executivo camelô. Passou por mim rápido. Olhou e disse para o senhor. “Esquentou doutor!”. A mortadela já vem cozida? Podia deixar ela no vagão para garantir a esterilização! Chega o vagão na Central. Descem todos para o seu dia de sufoco. Menos o senhor acalorado, que foi deixado para não ser assado.

Big Brother no vagão



Segunda feira não é mole não!. O trem muito atrasado e a estação lotada. Fiquei bolada. “É hoje!”, pensei. “Desde que horas não passa nenhum?”, perguntei. “Tem meia hora que tô aqui. Não tem o especial NI”. A voz da estação tenta chamar atenção: “... trem para Central do Brasil, em aproximadamente quatro min”. Corpos na beira da plataforma se inclinam para olhar os trilhos. Vagão parou. Portas abriram. E as cotoveladas começaram. De repente gritaria. De longe observei. Caiu entre a plataforma e a porta do vagão. A moça pesada, coitada. “Olha aí”. “Espera gente”. “Calma pessoal”. “A moça caiu”. Três ou quatro acudiram. A bolsa foi resgatada logo. Dois de cada lado a levantaram. Ninguém avisou ao maquinista, que fechou as portas e partiu em seguida. No banco ficou a moça abalada. O vagão foi embora. Esperei quinze minutos. Outro vagão veio. “Esse tá tranquilo”. Pequeno sufoco. Cotoveladas. Empurrões. Entrei. Muita conversação no vagão. O povo brasileiro tem vergonha de se aborrecer. Enfrenta tudo com sorriso. A moça desbocada com sorrisos e palavrões falava: “Você quebrou o freio de mão fud3nd0 no carro!”. “Não fala da minha vida não, senão vou falar da sua”, respondeu um outro. “Aquela ali também, olha como finge dormir, fud3m a noite toda e agora tá aí de olho fechado”. “É isso mesmo? Tu foi lá pra casa as onze? Conta isso direito!”, perguntou um outro. A moça de olhos fechados riu. “Peguei ela de moto. Eu estava bêbado!”. “Larga esse telefone para conversar”, cobrou outro. “Estou votando para tirar esse cara. se depender de mim hoje ele vai ser eliminado no paredão!”. “Você não está conversando com a gente por causa de *Big Brother*? O ganhador já foi escolhido pelo Boninho. Deixa de bobeira, larga o telefone e vem conversar besteira...”, protestou um. E mesmo com vagão lotado ninguém fica eliminado, pois não existe paredão, nem prêmio de um milhão.

Parecia um dia desses, normal



E toca o alarme às seis. "Mas já? Nem dormi ainda". "Liga! Liga!", disse para o cérebro. Arrastei-me da cama para o box, me esperava a ducha forte. Pulei na roupa pendurada. Mastiguei a escova de dente. Olhei no espelho, sacodi o cabelo. Sobe e desce escadas. Chega o vagão. Não dá para entrar. "Nesse de vinte para as sete não dá". Passaram dez minutos. "Esse é o especial", disse alguém. Entrei. Uma dona sentada à minha frente com cabelos Black passava o indicador direito na tela do celular. "Não dá tempo de ver nada passando assim", pensei. A direita uns cinco rapazes com bonés vermelhos, mãos no bolso, calados. No canto esquerdo um capuz cobria a cabeça de alguém, que dormia no balançar do trem. Parecia um desses dias normais, em que o vagão chega bem na central. Ledo engano. Hoje está sendo demasiado o problema com o tráfego, veja bem, escrevi tráfego, não tráfego. Em um abre e fecha de porta, em cada estação a voz dizia "... liberação do tráfego". Parecia que seria assim por todo o percurso não fosse por uma moça, nem velha nem nova, que resolveu ouvir uns áudios. "Mas ela pediu socorro para a vizinha as três da manhã". Pensei: "Será que alguém morreu?". Novamente a voz diz algo que faz saber que o tráfego prolongará o tempo no vagão. Alguns olhares em direção ao celular que falava alto. "A vizinha deixou para chamar a filha no dia seguinte". A moça ouvia sem interromper. "Ela infartou ou teve um AVC". Vagão parado em Madureira. Diz a voz do vagão: "... liberação do tráfego". Mais silêncio que o normal. Portas abertas e pessoas se inquietando. Alguém levantou e cedeu lugar para uma senhora, que agradecia. Mais áudios saíam do celular da moça nem velha nem nova. "...o filho acha que foi o marido e agora disse que vai resolver". Pausa para pular para o áudio seguinte. Diz a voz novamente: "...aguardando a liberação do tráfego". "A filha disse que está no hospital". "Não morreu, está internada!", pensei. "A culpa é do marido" repetiu a voz no áudio. Várias pessoas olhando. "Como será que essa dona vai ficar?", pensei. Uma placa próxima a porta do vagão dizia algo sobre usar um fone e não incomodar quem está por perto. "Será que a dona apanhou do marido?", pensei. A expressão no rosto da moça que compartilhava os áudios com todos era de preocupar. Alguém tossiu. Olhei e vi que usava uma máscara. "Será Covid?", pensei. "Quase peguei a mochila da moça", disse um rapaz alto para alguém. Pensei: "A minha!". Olhei para a mochila e para ele, que sorriu. Mesmo azeda retribuí. "Este trem irá aguardar a liberação do tráfego", disse mais uma vez a voz do vagão. "Em São Cristóvão? Está de sacanagem!", resmunguei. Finalmente na central, disse a moça nem velha nem nova para o celular: "O enterro será quando?". Morreu afinal!

O domingo de Páscoa que caiu na segunda



Dormi mal. Sol forte já as sete. Tirei da mochila os óculos de dez reais que comprei no trem. "Isso resolve!". Esqueci os fones. Nenhum executivo de vendas passou vendendo um. Na estação, cigarro. "Que café da manhã!". O vagão chegou. Entre alguns empurras, entrei. Tinha espaço para os dois pés com folga. "Graças a Deus!". Olhei em volta. Do meu lado, dois moços com cimento nas mãos. "Será que não tomaram banho?", pensei. Mas essa não era a questão. O cimento impregnou, não sai nem com água e sabão. Ouvi quando o mais magro disse: "...ele me ligou, tá ligado? Perguntando que horas eu tinha saído da obra ontem...". "é mermo mané, e aí? O que tu disse?", respondeu o outro. "Eu respirei fundo, tá ligado? Conteí até dez, pra não mandar ele tomá no çu, tá ligado?... O cara me liga na hora que eu tô jogando massa na parede, tive que larga pra atende ele, aí ele vem pergunta onde eu tô? Respirei e nem respondi. Não discuti porque fico de sangue quente e já quero cata na p0řrada". "Iihhhh, e aí mané? O que rolô?", disse o outro. "Eu filmei e enviei o vídeo pra ele, tá ligado? Ele tem sorte que eu preciso da grana pra mãe do meu filho. Ela tá pertubando por que não mandei a pensão mês passado". "Iihhhh, pensão é f0da! Tem que pagar, mané", disse o outro. A senhora sentada na minha frente ergueu os olhos para eles com expressão de desaprovação. "É f0da mermo... mas aí, o que tu vai fazer no feriado?", perguntou o mais magro. "Pô mané, ainda num sei, tenho que vê com a patroa". "O zé roela já perguntou se v0 trabalha na sexta". "E tu vai?". "Acho que vou, tô precisando do dinheiro". "Mas mané, sexta é feriado". "Ué, é feriado de que?", perguntou o mais magro. "Não sei, acho que sexta da paixão". "Não mané, sexta da paixão cai no sábado, sábado de aleluia cai no domingo e domingo de páscoa cai na segunda... então v0 trabalha na sexta", disse o mais magro. O moço atrás riu. A senhora balançou a cabeça em desaprovação. "Tá maluco, mané? Trocou tudo... o que tu andou usando?", perguntou o outro rindo. "Cara, sei lá... qué sabê, v0 nem trabalha e nem pro feriado, v0 ficar em casa mermo pra não gasta o dinheiro da obra", disse o mais magro.

A quentinha que a patroa comeu



Chuva é legal lá no campo. Ver o verde e o brilho das gotas. Lindo! Mas para pegar trem para trabalhar?! Você jura?! Na estação vários guarda-chuvas molhados. A moça sacudi um bem na hora que passei. “Uau...”. Eu enfiei o meu na mochila assim que o vagão chegou. Consegui entrar. Não deu para passar. Fiquei na porta. Segurei na primeira barra de ferro que vi. Cair num vagão molhado não é legal não. Duas donas sentadas a minha frente conversavam animadíssimas sobre a patroa de uma delas. A direita, perto da porta, música alta num fone de ouvido. Boné e casaco de capuz preto cobriam o rosto do rapaz, que ouvia pagode com os olhos fechados. Além das duas que falavam bastante, todo o resto era silêncio. “... a mulher só come miojo”, disse a ruiva e riu. “Como assim? Mas ela não tem dinheiro?”, perguntou a loira. “Abre o armário dela pra tu ver. Nada. Só miojo e garrafa de whisky”. “Meu Deus, artista plástica que só come miojo?”, espantou-se a Loira. “Pinta quadros horríveis, vende caro, cinco, seis mil. Noutro dia eu tava pedindo minha quentinha e chegou um lá pra buscar a pintura. Ela colocou um bilhete na geladeira dizendo que um amigo dela ia buscar. De curiosa perguntei pra ele quanto tinha custado. Ele disse: “cinco mil!”, assim, como se fossem cinco reais.”, disse a ruiva. “Onde ela enfia esse dinheiro já que nem compra faz?”. “Sei lá menina. A mulher só come miojo e bebe whisky...”, riu e disse: “Sai do banheiro pelada na minha frente. Um negócio feio viu. Não tá nem aí. Malucona”. Olhei para elas que conversavam como se estivessem na sala de casa. Um rapaz do meu lado olhou também, quando ouviu a palavra pelada. “Menina, tu tinha que ver como ela chegou noutro dia porque não deu certo o negócio do visto”, continuou a ruiva. “Visto? Aquele pra viajar?”, perguntou a loira. “Sim... O visto pra viajar pros Estados Unidos. Não foi aprovado, menina. Não sei o que ela arrumou lá, parece que discutiu com o cara da entrevista, chegou em casa cuspidando mosca”, disse a ruiva. “Se ela que é rica é recusada, imagina nós pobres”. “Pois é ... Pra tu ver. Mas ela é doida. Bom que não me perturba. Chego pra minha faxina e ela sai. Diz que o cheiro do produto de limpeza faz mal pra ela, que fuma e solta fumaça igual a uma chaminé”, disse a ruiva e riu. “Meu Deus...”, riu a loira também. Um rapaz olhou para elas e sorriu. “Ela já foi pra Londres, menina. Tava contando no telefone pra alguém. Saiu a noite lá com uma roupa de renda sem nada por baixo. Disse que não tinha nada demais, que tinha visto coisa pior pelas ruas, mas parece que pediram pra ela se retirar do restaurante onde foi jantar”, contou a ruiva. “Transparente ? Sem calcinha, sem sutiã, sem nada?!”, perguntou a loira. “Colocou nada. Malucona mesmo. Mas ela contava revoltada no telefone. Fumando e reclamando com alguém. Depois riu. Disse que ia agora com uma roupa transparente sem nada por baixo. Uns negócio murcho daquele menina, só tu vendo”, disse a ruiva e riu. “Ela nem tem vergonha?”. “Tem nada. Artista é assim, faz essas coisas e acha que não tem nada demais. E tu não vai acreditar no que ela fez na semana passada...”. Tentei não prestar atenção, não consegui. Uma moça que dividia o espaço de um ombro comigo também acompanhava a conversa. “Me conta mulher”, pediu a loira. “Ela roubou minha quentinha!”, disse a ruiva rindo. “Ela o que?!”, espantou-se a loira. Eu ri, a moça colada no meu ombro riu, o rapaz do outro lado riu, e até o escondido no casaco de capuz, riu também. “Mentiraaaaa!!!”, disse a loira. “Escuta essa, eu cheguei e ela saiu. Às onze e vinte liguei pra pedir minha quentinha. Chegou logo, mas não parei pra comer. Deixei sobre a mesa na cozinha. Geralmente ,ela só voltava após eu terminar meu serviço, mas nesse dia ela entrou bufando não era nem meio dia. Alguma coisa com o Uber, parece que ela bateu a porta do carro, o Uber reclamou, e ela disse que tava pagando por aquilo.... Ela ficou falando à beça quando entrou, e eu nem sabia se era comigo, depois vi que ela tava falando sozinha mesmo. Quando deu meio dia e vinte fui sentar pra almoçar. Faltava a suíte e a varanda pra limpar. Quando cheguei na cozinha cadê minha quentinha?!”, concluiu a ruiva. Eu ri. Todo mundo riu. “Mentiraaaaa!! Ela comeu?!”, perguntou a loira. “Comeu! Procurei por todo lado, até na sala fui e nada. Cheguei na porta do quarto dela e perguntei ”- Dona Virgínia, a senhora não viu uma quentinha sobre a mesa da cozinha não?”, disse ela: “Vi. O que é que tem?”, perguntou cínica. “Era meu almoço, Dona Virgínia. Parei agora pra almoçar e a comida sumiu”. Disse ela: “Não sumiu. Eu a comi. Pensei que você tinha pedido para mim”. “Como assim Dona Virgínia? Era meu almoço”. Disse ela: “Ah minha filha, isso não é nada, só pedir outra. Aliás, muito boa a comida desse local. Muito melhor que muita comida que tive em São Paulo um ano atrás”. “Inacreditável... é louca mesmo!”, disse a loira. “É sim. Falei pra ela que tinha custado quinze reais e que eu ia pedir outra porque não podia ficar sem almoçar, mas ela teria que me dar o dinheiro, e sabe o que ela me respondeu?!”, disse a ruiva. “O que?”, perguntou a loira. “Ela disse: “Não tenho dinheiro em casa, que louco tem dinheiro em casa?!”. É mole?! Dáí eu disse que ela podia fazer um pix... sabe o que ela disse?! “Que diabos é um pix?”. Menina só Jesus!”, disse a ruiva. “Misericórdia...”, disse a loira e riu. Eu ri. Todo mundo riu. A voz do vagão anunciou a estação de São Cristóvão. O Vagão parou. Portas se abriram. “Chegou a minha. Ainda vou pro Recreio aguentar aquela madame doida que rouba quentinha”, disse a ruiva se rindo e se levantou. A loira se despediu dela e eu sentei.



Vulto no vagão

Hoje até que foi tranquilo. Dez 'pras' sete veio vazio! Era Olinda, entrou um cidadão, muito cheiroso, parou do meu lado. Não era muito mais alto e estava bem arrumado. Reparei logo e minha rinite também. Espirrei no braço. "Vão pensar que é covid, ai meu Deus". Na minha frente, uma moça comia pipoca com uma pinça. Dedo mindinho levantado. Eu nunca tinha visto. "Não amiga, você precisa deixar de molho na água morna por uma hora e depois sim pode comer", dizia para a colega. Uma nova dieta. Outra vibrava com algo que ouvia no fone: arriscou e dançou. Sons distorcidos saíam da sua boca. Nada entendível. De repente, do fundo, ouvi: "...dois reais é o pacotão! Bora, quem mais? É dois reais!". Uns iam de olhos fechados, outros não. Uma senhora dormia no ombro de um moço. Ele levantava o ombro eventualmente para despertá-la e nada! A senhora estava cansada. "Melhor ir em pé ou virar apoio de cabeça?", observei. A moça mulata de cabelos aplicados conversava alegremente ao telefone: "Amiga, ele me enviou mensagem as duas". Pausa. "Não amiga, ele largou dela". Pausa. "Ele me procurou as duas da manhã, então ele não estava com ela...". Pausa. A expressão facial dela mudava vagarosamente. Até aí, tudo normal até Deodoro. Muita gente na plataforma. Na lentidão do vagão, pela janela, um vulto alto de cabelos longos e pretos passou. O moço cheiroso ao meu lado se inclinou. E inquieto na tentativa de ver o vulto ficou. O vagão parou. Portas abriram e o vulto entrou. Virou na nossa direção e atrás dele bem se posicionou. "Ele não vai virar para olhar para ela, não é possível", pensei. Cerca de dez centímetros mais alta. Salto alto. Calça colada. "Para que salto nessa altura?", pensei. Ele não se contentou. Fez que tirava a mochila das costas e a fitou. Constrangedor, mas acho que se apaixonou. Mais uma vez levanta e abaixa ombro. A senhorinha seguia confortável dormindo. Vagão parado. Fecha e abre portas. A voz falou: "O trem variou". O moço na tentativa de uma conversa com o comprido vulto, se virou e resmungou. A senhorinha despertou. Alguns descem. Outros reclamam. Outros esperam. "Que m3rdΔ!". Eu também sou filha de Deus. Dez minutos passaram. A voz do trem anunciou: " ... esta composição seguirá viagem". Alarme falso. Quem saiu, entrou. Quem reclamou, calou. Quem acordou, dormiu. E o cheiroso se virou sem graça. Próxima estação a Central. O moço travesseiro levantou e a senhorinha finalmente despertou. Desce o vulto acompanhada dos olhares enamorados do cheiroso cidadão. "Ele nunca mais vai ver ela", pensei. Ouvi, de repente: "Você viu essa mulher?", cochichou com o outro ao lado. "A que estava aqui?", perguntou o rapaz. "Sim, cara, fiquei aqui doido!", disse ele, "Tentei puxar assunto e nada", continuou, "mulher como aquela não dá bola para todo mundo, né meu irmão?!", ele nem respirava. "Cara, fica tranquilo, eu entrei com ela, a conheço, posso te passar o número", disse o rapaz. "Sério? Está de sacanagem?". Olhei de 'rabo de olho' para eles. "Não cara, anota aí", afirmou o rapaz. "Claro, mas posso enviar mensagem, assim, a qualquer hora?", perguntou. "Pode sim, diz que foi o Marcos, ela vai te atender direitinho. 9p62ε67θ0, anotou?", confirmou o rapaz. "Beleza, anotei. E qual o nome dela?", perguntou ele para o rapaz, que respondeu: "Roberto!".

KARLA ACEMANO

Uma engenheira química que pinta quadros, desenha, faz artesanatos, e escreve livros. É uma carioca apaixonada pelas diversas formas de artes e pela vida. Moradora da baixada fluminense e usuária do trem como seu principal meio de transporte desde criança. A cada viagem, Karla embarca em uma rica tapeçaria de experiências, onde cada parada revela novos rostos e novas narrativas. Os dias a bordo do trem Japeri-Central tornaram-se uma fonte de inspiração para observar e absorver as histórias e os personagens ao redor, enriquecendo sua arte de escrita com as experiências cotidianas.

